

AS “FERAS” DO APOCALIPSE 13: AS IMAGENS DO PODER E O PODER DAS IMAGENS

*Gilmar Ferreira da Silva**

Resumo

O Apocalipse é uma obra literária com capacidade para instigar uma leitura teológica contemporânea dos percalços históricos enfrentados pela Igreja, em especial, e pelas pessoas vitimadas pelas diversas formas de desempoderamento e conseqüente desumanização. Enfocar o capítulo 13 permite observar, através da trama arquitetada entre as “Feras” e o “Dragão”, como o jogo das “imagens” e “símbolos” pode se prestar ao aniquilamento da diversidade das culturas, valores e ideias humanas. Entende-se o Apocalipse e sua forma literária. Segue-se a compreensão da sua estrutura elementar. Compreende-se os aspectos fundamentais dos termos “poder” e “imagem”. Propõe-se que o critério de discernimento apresentado pelo texto subsidie leituras atualizadas e críticas das formas de violência contra os setores desconsiderados das sociedades modernas.

Palavras chaves: *Imagem. Poder. Apocalipse. Fera.*

Abstract

Apocalypse is a literary work with capacity to instigate a contemporary theological reading of historical troubles faced by church, almost by the victims of various forms of disempowerment and a consequent dehumanization. To focus on chapter 13 allows you to observe an architected plot between the “Beasts” and the “Dragon”, like the game of “images” and “symbols” can lead to the annihilation of different cultures, values and human ideas. We understand the Apocalypse and its literally form. We follow the understanding of its elementary structure. We understand the fundamental aspects of “power” and “image”. It is propose that the discernment criterion introduced by this text will subsidize updated readings and criticism about violence forms against not considered sectors in modern societies.

Keywords: *Image. Power. Apocalypse.*

* Doutorando em Teologia (FAJE); Mestre em Teologia (FAJE); Especialista em Bíblia (FAJE); Pedagogia (UFMG). Professor do Curso de Teologia do Centro Universitário Izabela Hendrix.

1. Introdução

O Apocalipse, último livro do cânon do Segundo Testamento, sempre será um desafio particular de leitura. Há toda uma “mística” específica em torno dessa obra. São séculos de inúmeras releituras e provocações ocasionadas por todas as imagens e temas apresentados ao longo dos 22 capítulos. Este artigo trata, especificamente, dos temas e imagens apresentados no capítulo 13.

A opção pela Tradução Ecumênica da Bíblia se deveu, principalmente, pelo fato de que se trata de uma obra que obteve reconhecimento das instituições ecumênicas brasileiras e “destinada a todos que acolheram a escritura sagrada do cristianismo como fundamento para a sua fé” (RAUPP, 2010, p. 15).

Nesse jogo com “imagens e atos espetaculares de “feras”, são abordados o tema “universal” do “poder” e suas diversas formas de manifestação e o atual debate sobre o papel social das mídias.

O tratamento da perícopes procura evitar os extremos comuns nas leituras da obra como um todo e desse texto em especial. Então, considera-se o fato de que se trate de um exemplo da literatura apocalíptica e, conseqüentemente, submeta-se aos distintivos desse gênero literário, sem se fixar nessa propriedade (BROWN, 2004).

Tampouco fica circunscrita em descrever o passado ou antecipar miraculosamente o futuro. Ao nos aproximarmos dessa obra, submetemo-nos a um programa de deciframento da vida no espelho do texto (RICOEUR, 2004, p. 49).

O Apocalipse pode ser tratado como um “clássico religioso” e, como tal, possuiu um “poder” de provocar continuamente reflexões críticas sobre a existência humana. Pode colaborar para reflexão de qualquer pensador comprometido projetos humanizadores (TRACY, 2012, p. 35). É uma leitura teológica paradigmática (VANNI, 1998). E, ainda segundo Tracy:

os clássicos da religião e da arte podem clamar audiência pública e verdade mediante seu poder altamente “disclusivo” e gerador de verdade (*aletheia*), distinto e anterior em relação à verdade como correspondência que se alcança mediante diálogo, arguição ou método científico (TRACY, 2012, p. 36).

Esse poder “gerador de verdade” servirá como um dos critérios para leitura da realidade histórica da Igreja e demais grupos marginalizados.

Inicialmente busca-se compreender o contexto geral da perícopes que está situado, localizando-a na trama “maior” do texto do livro de Apocalipse. Segue-se com uma compreensão localizada, isto é, no capítulo 13, dos persona-

gens implicados na trama e os temas que irão envolvê-los. Finalmente, são apresentadas algumas “provocações” para releituras a partir da análise dos temas propostos.

2. Apocalipse: o conjunto geral da obra e o capítulo 13

A perícopre conecta-se ao Primeiro Testamento, de onde busca as respectivas imagens. São imagens “comuns” aos primeiros leitores. Desta forma buscam em suas memórias comuns e, conseqüentemente, reforçam sua identidade. A trama do poder, como um todo, não é algo novo na história da humanidade e nem de “Israel”. Rememoram-se as narrativas dos livros de Jeremias e Daniel. Ambas se caracterizam por apresentarem momentos de crises nos quais o “povo de Deus” sente-se ameaçado diante de sua aparente impossibilidade de reagir à opressão dos poderes opressores aos quais se submetem. Contudo, historicamente, tais acontecimentos se mostraram como “cenas” que reforçaram o “domínio e a justiça de Javé”.

Embora a redação final do livro e sua aceitação na composição do cânon sejam localizadas tardiamente, é comumente aceito que se refira à segunda geração de cristãos que se estabeleceu entre os anos de 70 e 110 d.C.

Esses cristãos já estão distantes dos acontecimentos “originais”. As primeiras lideranças já haviam sido substituídas por “novatos” que foram profundamente afetados pelos desamores e pelas discriminações dos grupos religiosos judaicos. Essa geração não viu a “glória” e toda influência de um “símbolo” fundamental da fé judaica e mesmo para a primeira geração: o templo.

A queda em 70 d.C. deixou uma profunda lacuna que pode ser expressa na seguinte questão: Como é possível sustentar a fé no Deus de Jesus diante da constatação histórica de que seja “não poderoso” o suficiente para impedir que “sua casa” fosse destruída? Não somente em relação ao templo, mas também às pessoas: “Como sustentar essa fé diante do testemunho do martírio de inúmeros crentes “desempoderados” e duramente perseguidos pelo império?”

Não bastassem as questões religiosas, a maior parte da população, independente de sua profissão de fé, sofria com as conseqüências impostas pelas desigualdades sociais e perseguições políticas. Pequenos grupos se valiam dos privilégios decorrentes de se mostrarem partidários das políticas de dominação impostas pelos imperadores (REIMER & REIMER, 2011, p. 188). O “poder” do império se impunha de tal forma que, provavelmente, parecia indestrutível. “Aparentemente” restava somente o sofrimento aos que ainda “teimavam” em alimentar sua esperança e fé no projeto do Reino de Deus tal como apresentado por Jesus.

Embora não haja concordância em relação ao contexto da produção da obra, não há dúvida de que isso não deixa de evidenciar a realidade de perseguição no contexto do Império Romano (TERRA, 2017, p. 764).

A apocalíptica foi uma das formas literárias que permitiram expressar a revolta diante desses “poderes” e, ao mesmo tempo, motivava esperança. Uma linguagem de resistência que floresce entre o século II a.C. e o século III d.C. Mas o Apocalipse possui especificidades. O autor atribui à obra o caráter de profecia (1,3; 22,7.9) e, a própria obra se situa como tal (10,11; 22,7.9).

Desta forma, a religião serve como um instrumento de perceber na articulação da história e movimentos da natureza a realização de expressões sobrenaturais, em um movimento contínuo de caos e ordem. No Apocalipse, em específico, Roma e seu funcionamento são resultado destas forças malignas e a elas representam. O caos está como ponto dado, uma realidade não visível, mas percebida apocalipticamente (TERRA, 2017, p. 782).

É revelação e exortação. Não deve ser considerado como uma carta, mas como um livro destinado à leitura no contexto da assembleia litúrgica (VANNI, 1998, p. 10-11). Neste artigo assume-se que “é mais frutífero olhar o livro do Apocalipse como estratégia narrativa, que acessa o discurso apocalíptico maior, que é uma constelação de tópicos para persuasão retórica (TERRA, 2017, p. 766).

2.1 O contexto anterior

Imediatamente, no capítulo 12, um grande “sinal” é apresentado. Segue um conjunto de cenas nas quais as personagens travam batalhas épicas. As imagens utilizadas são capazes de evocar certa “aflição” nos leitores-espectadores. Não há um acordo ou definição precisa a respeito de quais sejam os sujeitos históricos representados, principalmente pela mulher e o dragão (BROWN, 2004). No entanto percebe-se que a relação entre esses personagens é de “perseguição intensa”, “medo”, “confronto” etc. O “Dragão” se mostra com um “poder” que está disposto, a qualquer custo, a aniquilar qualquer forma de oposição ou ameaça à sua “dominação”.

Ele não sucumbe mesmo diante da cena inicial na qual a “mulher” é apresentada “empoderada”: vestida do Sol e tem a Lua aos seus pés (12,1). Os principais astros que, pode-se dizer, controlam o tempo: os dias e as estações. Mas há referência explícita, no entanto, a um grupo de “personagens”: “os irmãos acusados” (12,10). Essa referência surge no centro da “batalha” entre o dragão e a mulher. Esses “irmãos”, aparentemente indefesos, sofriam “dia e noite” pois eram acusados pelo “Dragão”? No entanto, a qualidade de sua defesa assegurou-lhes a vitória.

Não se trata de pessoas frágeis e indefesas, sem qualquer proteção ou mesmo desnorteadas, sem consciência daquilo que acontecia. Enfrentaram a morte e “não se apegaram à própria vida” (12,11). Elas “venceram” porque se tratava de pessoas legitimamente “empoderadas”: embora “acusadas”, seu “poder” estava no “sangue do Cordeiro” e na “palavra”. Os “irmãos” transformaram seus “poderes” em “testemunho” histórico! Esses dois argumentos que causaram a “vitória dos irmãos perseguidos” serão tomados como a base das próximas estratégias de ataque do dragão no capítulo 12.

Depois de todas as outras investidas sem sucesso contra a mulher, o “Dragão” segue para um outro ciclo de tentativas para “combater o resto da descendência” da mulher. No entanto, o segredo da “vitória” ou o “poder” de resposta às investidas do “Dragão” são reafirmados: para vencer é preciso “observar os mandamentos” e permanecer empenhados com o “testemunho” (12,17). A partir daí abre-se a cena do capítulo 13.

2.2 O capítulo 13: o aparecimento das “Feras”

O capítulo 13 apresenta duas “Feras” que atuam a partir do “Dragão” cujo principal objetivo é destruir os “descendentes da mulher” e desacreditar o testemunho do “Cordeiro degolado”. A tensão é tal que fica evidente que não há conciliação entre esses personagens, nem entre seus mundos e nem seus valores.

A palavra θηρίον, que será traduzida por “Fera”, indica, no Apocalipse, “animais ameaçadores, que podem matar”. A palavra ἀρνίον que é traduzido por “Cordeiro”, animal inofensivo. Mas Cristo é um Cordeiro com chifres (Ap 5,6), isto é, com capacidade de se defender e de destruir, caso necessário. E o “Dragão” é uma figura ameaçadora, mas no Apocalipse prevalece a conotação de “enganador” (KOESTER, 2017, p. 3-4).

a) A primeira “Fera”

O sinal anterior (a mulher) foi apresentado no “céu”. Agora, o palco inicial, é o mar (13,1). Assim como no livro de Daniel, o mar “caracteriza estratos governamentais como manifestações do caos” (TERRA, 2017, p. 779). Se em todas as investidas anteriores o “Dragão” não obteve sucesso, ele mudará a estratégia. Ele continuará com os mesmos objetivos, mas a partir de então o “Dragão” sai de cena e inicia sua *performance* indiretamente através da primeira “Fera”.

Comumente esta “Fera” é tratada com uma imagem do “Império Romano” e toda a violência de sua dominação. Um poder aparentemente impossível de ser superado (CASTRILLÓN, 2014, p. 112). As “imagens” dos animais utilizados para fazer a descrição são “aparentemente” assustadoras. Em um jogo de

“imagens” e “informações” a “Fera” ou império recebe o poder e se impõe pelo “medo”. É importante lembrar que a principal finalidade do “Dragão” e, conseqüentemente, da “Fera” será “combater a descendência da mulher”.

Os vários chifres, cabeças, diademas, se prestavam a divulgar um “nome” que provocava uma “propaganda difamatória ou blasfematória” (v. 1). A difamação ou blasfêmia faz compreender que a estratégia não é simplesmente se apresentar como “poderoso”. É fundamental prejudicar ou depreciar qualquer outra forma de oposição.

Outra sobreposição de imagens constrói um quadro visualmente assustador: para caracterizar a “Fera”, são utilizados animais selvagens e ferozes (v. 2a). O leopardo é extremamente “ágil e veloz” e, conseqüentemente, pode se deslocar em várias direções com rapidez. O urso possui força e tamanho descomunais, as unhas de suas patas podem dilacerar instantaneamente suas presas. O leão reúne beleza e força em ataques mortais. Não bastasse toda essa “presença” aterradora, a “Fera” será munida com “imenso poder” (v. 2b).

Na seqüência, um grande teatro é apresentado para testemunhar a articulação do “poder”: ela será capaz de vencer a própria morte. Mas o texto se refere à trama como baseada em uma “aparência” (v. 3). É neste ponto que qualquer forma de “poder” ganha *status* de “incomparabilidade” e “incompatibilidade”. O que se segue é uma seqüência “desesperadora”: a “Fera” inicia uma campanha fortemente destrutiva.

Embora seu “poder” seja notório, ela não pode atacar Deus de forma direta. Então, recebe uma “boca” e profere “palavras”, “discursos” que pretendem depreciar Deus e tudo o que a Ele se relaciona. Aparentemente a “Fera” está prestes a cumprir sua missão. Ela depõe com arrogância e livremente com calúnias e blasfêmias (v. 5-10). Ela recebe “poder” para agir e, infelizmente, pode “guerrear contra os santos e vencê-los” (v. 5.7). Diante de tamanha manifestação de domínio, todas as pessoas que não tenham discernimento da história e que não reconheçam o testemunho do “Cordeiro” se entregam a “adorar” a “Fera”.

Mas, no fechamento do quadro de ações desta “Fera”, o texto rememora um momento de igual criticidade na história dos santos. O v. 10 faz referência a Jr 15,2. Diante da caótica situação do povo de Israel o profeta apresenta os critérios de Deus: Ele não perdeu o controle da história, principalmente de Israel. Toda desgraça sofrida decorre do fato que Israel tenha “abandonado” Deus (Jr 16,10-13). Dois aspectos da mensagem que lhes foi anunciada podem alertar os leitores de Apocalipse. Primeiramente não há “acazos” na história e, mesmo que a compreensão seja difícil, o “roteiro” é exclusividade de Deus. Há somente um tipo de posicionamento esperado daqueles que testemunham o “Cordeiro” (os santos): perseverança e fé.

b) A segunda “Fera”

O v. 11 inicia uma nova sequência de imagens, surge uma outra “Fera”. Nesse desenrolar a segunda “Fera” surge da “Terra”. Desta vez a estratégia será diferente: embora fale como o “Dragão” sua imagem é atenuada ao ponto de fazer lembrar “um cordeiro”. O discernimento será fundamental nessa nova etapa. Toda trama continua fundamentada em “imagens” que anteriormente expressavam diretamente o “medo” e provocavam a sensação de impotência. As novas imagens são capazes de provocar “confiança” e “ordem”. As pessoas são seduzidas pelo que “acham” que estão vendo ou mesmo por aquilo que “precisam” ver (v. 14).

A primeira “Fera” é aludida como pertencente ao passado. Ela não está presente e é tratada como uma “memória”. Tornou-se como um “mito”! Em nome da primeira “Fera” a segunda realiza “grandes prodígios” e constrói todo um imaginário a respeito da primeira “Fera”. As informações sobre a primeira “Fera” serão “retocadas” para parecer muito mais “poderosa”: ela fora ferida mortalmente com uma espada e voltou à vida (v. 12.14). O sucesso é instantâneo.

Mas ainda era necessário eliminar toda forma de oposição e estabelecer uma nova “unidade” para assegurar a estabilidade da “nova ordem”. Uma grande “farsa” é montada. As pessoas são “incitadas” (não obrigadas) a construir uma “imagem” da primeira “Fera”. Numa manifestação maravilhosa de “poder” a segunda “Fera” concede “vida” à imagem criada pelos “habitantes da terra”.

O único discurso dessa “nova criação” será: é necessária a intolerância para com os “rebeldes”. A “nova ordem” exige um modelo de unidade que esteja centrada em um único objeto de fé. A ordem, a qualquer custo, é fundamental para o progresso. O processo de unificação conseguiria estabelecer uma sociedade igualitária marcando-as de alguma forma. As pessoas devem ser desmemoriadas e sua nova “identidade” é uma imposição necessária para o bem comum. As sequências terminam com um alerta: “é preciso ter discernimento para interpretar o que está realmente acontecendo”.

3. O capítulo 14: a verdadeira vitória

Na perícope do capítulo 14,1-5 segue com uma bela imagem: o “verdadeiro” Cordeiro em pé sobre o “Monte Sião”. A “montanha sagrada de Deus” (Sl 2,6); lugar da “salvação” permanente (Jl 3,5); lugar de “refúgio e escape” (Ab 17). É o lugar daqueles que “não se contaminam”, “seguem o cordeiro”, foram “redimidos” e não “mentem”, são, enfim, “irrepreensíveis”. A condição desses “perseverantes” será extremamente compensatória, se comparada a toda angústia das perseguições sofridas no capítulo 13. Eles cantam um hino com exclusividade (14,3). Uma canção que testemunha a vitória do “Cordeiro” e, conseqüentemente, dos seus seguidores (5,9-11).

3.1 O papel das mídias nas relações de empoderamento: o jogo das imagens

O texto de Apocalipse como um todo e o capítulo 13 em específico fazem um farto uso de “imagens”, sobre as quais deve ser feito um exercício de “discernimento” (TERRA, 2017, p. 780). Tal “discernimento” somente pode ser feito re- lendo as experiências do passado, com extrema atenção ao concatenamento atual dos fatos históricos e uma percepção equilibrada, capaz de vislumbrar aquilo que está por vir.

No âmbito geral o livro utiliza fartamente as imagens extraídas do Primeiro Testamento. Isto implica não somente em uma dependência literária, mas principalmente no apelo a uma memória comum dos atos libertadores de Deus em favor de seu povo. Recorre às imagens apresentadas no livro de Daniel para elaborar toda a caracterização das “Feras” (Dn 7); a alusão ao livro no qual estão inscritos os nomes daqueles que hão de testemunhar a salvação de Deus (Dn 12,1).

Toda a cena da adoração da imagem da “Fera” (Ap 13,15) refere-se à narrativa do capítulo 3 de Daniel. E é no fato de que, no texto de Daniel, a perseverança se funda no testemunho de um Deus de inigualável poder de “livramento” (Dn 3,29) e que converte o “poder” destruidor do império em “prosperidade” para os santos.

Em Ap 13, a palavra “poder” traduz as palavras *dynamis* (BROWN, C.; COENEN, 2000, p. 573-578) e *exousia* (BROWN & COENEN, 2000, p. 578-583). *Dynamis* insinua a competência pertencente a uma pessoa ou coisa para executar um trabalho. *Exousia* é o “poder” que é delegado por alguém. A palavra *dynamis* é utilizada no v. 2 para descrever o “poder” que o dragão que inicialmente entrega a primeira “Fera” capacitando-a para o cumprimento de sua missão contra os “santos”. Nos demais usos a palavra poder traduz *exousia*.

Um reforço especial para capacitação da primeira “Fera” para o cumprimento de sua missão é “a cerimônia de sua entronização” (Ap 13,1). A palavra trono traduz *thronos*, e se refere inicialmente ao lugar de onde se governa ou a pessoa que exercia esse governo. No Apocalipse são fartas as referências ao “Cordeiro” entronizado, aliás, é a imagem inicial do livro (Ap 1,4). Em 3,21 os vencedores recebem a motivadora promessa de “assentar-se em um trono”. Referência à relação entre o dragão, as “Feras” e o trono são escaças o suficiente para compreender que Deus e o seu Cordeiro são figuras que realmente detêm a autoridade.

3.2 As imagens, a mídia e a poderosa

O Apocalipse é o livro do Segundo Testamento que mais utiliza o conjunto de palavras que podem ser traduzidas por “imagem”. Especificamente no capítulo 13 são utilizadas as palavras *charagma* e *eikōn*. *Charagma* (NELSON;

VINE & UNGER, 1981, p. 173) denota uma marca ou estampa e está em Ap 13,16-17. Está também em 14,9.11; 16,2; 19,20; 20,4 e em alguns manuscritos 15,2. Os demais usos são do termo *eikōn* (NELSON; VINE & UNGER, 1981, p. 246-247) em Ap 13,14.15 e se refere a uma estátua ou algo parecido (com forte semelhança). Está também em 14,9.11; 16,2; 19,20; 20,4; *eikōn* é o termo utilizado pela Septuaginta no livro de Daniel.

Então observe-se que, de forma geral, pode-se afirmar que: alguém pode ser empoderado para cumprir uma missão no lugar de outra pessoa e, para que isso aconteça, aquele que cumpre a missão assemelha-se ao mandatário naquilo que for positivo ou trabalhar sua “imagem” a fim de impor uma percepção diferenciada (ampliada) de suas competências.

O texto de Apocalipse trabalha intensamente as imagens de forma que se lhe amplia o potencial de provocar os leitores a fazerem novas reflexões a respeito de sua realidade. No capítulo 13 o dragão empodera as “Feras” para que destruam os “santos”. Sabe-se que desta forma estaria atacando indiretamente Deus e Jesus Cristo, seu Cordeiro. Trata-se de um “poder simbólico”, imposto através de jogos de imagens e informações que são controladas e distorcidas.

Controlar as informações é uma condição fundamental para o exercício de qual forma de dominação política, cultural, econômica ou religiosa se fala (MORAES, 2004, p. 19).

Moraes considera que isso acontece baseando-se no uso de uma linguagem eloquente e capaz de manipular o universo simbólico comum. Busca-se criar padrões sociais com identidades comuns. Assim, tem o “poder” de influenciar em vários aspectos do cotidiano, nos critérios de consumo e nas opiniões sobre determinados valores (MORAES, 2004).

O dragão concede do seu “poder” às “Feras” e elas dominam como uma extensão da sua presença. Então, concebendo-se o “poder” como algo que tenha uma existência, capaz de atravessar todos os setores das sociedades humanas. As “Feras” foram munidas da possibilidade de provocar mudanças ou criar as condições que afetassem as relações entre as pessoas (ROSO & GUARESCHI, 2007, p. 39).

Os “santos”, seus valores, sua ética, enfim, todo o projeto de justiça que eles apresentam como decorrente do testemunho que dão do “Cordeiro” são questionados. Até que ponto vale a pena sustentar esse testemunho, com resultados a serem obtidos em um futuro aparentemente distante, se os resultados oferecidos pelos poderes das “Feras” são indiscutivelmente mais imediatos?

As “Feras” executam um modo de dominação através da manipulação das imagens. É o que se pode chamar de “poder simbólico” (BOURDIEU, 1989, p. 9). Segundo (ROSO & GUARESCHI, 2007, p. 40), essa modalidade de po-

der “... é a dominação que se dá através da expropriação do poder simbólico. Pois existe também um poder, uma capacidade, que se fundamenta no simbólico”.

As “Feras” executam verdadeiras campanhas publicitárias com a finalidade de criar um “senso de dependência” nas pessoas. Pessoas dependentes não conseguem ver outras possibilidades de mudança: “quem é comparável à besta, e quem pode combater contra ela?” (Ap 13,4). É um poder que necessita, acima de tudo, de grande competência de discernimento pois opera, principalmente, na esfera dos “símbolos”.

Já o poder simbólico só é possível dentro de um contexto social, onde determinados agentes conquistam, ou lhes são conferidos, qualidades e poderes baseados em crenças, tradições, teorias, que são tidas como de especial valor pelos membros do grupo; seria, poderíamos dizer, um “estereótipo” positivo. Das pessoas que detêm tal poder, diz-se possuírem um capital simbólico (ROSO & GUARESCHI, 2007, p. 40).

Essa forma de poder é praticamente “invisível”, cria a sensação de dependência ou a perda da autonomia dos grupos humanos que se submetem. É possível construir outras maneiras de apreender a realidade fazendo que pessoas criem e vejam o mundo a partir das imagens das informações às quais são submetidas.

O poder simbólico se legitima através da linguagem – que se afirma como poder de fazer ver e de fazer crer – não pelo que há nas palavras em si mesmas, mas sobretudo pela legitimidade que elas conferem aos que falam frente aos que escutam e reconhecem a voz autorizada, legitimada como porta-voz nos canais de transmissão de informação e de mensagem da mídia (OLIVEIRA, 2009).

Roso e Guareschi (2007, p. 37) se referem “à mídia” como sendo o “quarto poder”.

Deter o controle das corporações que comandam as mídias equivale a deter “o poder sobre a realidade, sobre a sociedade, sobre esse novo ambiente social e cultural do mundo globalizado. A comunicação constrói, hoje, o novo ambiente social” (ROSO & GUARESCHI, 2007, p. 41).

Tal exercício de dominação é capaz de provocar as pessoas a tomarem como sendo “naturais” os valores ou imagens sociais, oriundos de alguns grupos “dominantes”. As ideias e valores dos setores menos favorecidos da sociedade são colocados em descrédito ou mesmo considerados como produtos de uma cultura inferior (OLIVEIRA, 2009, p. 6).

Conceitos são legitimados e padrões de comportamento são criados e generalizados. Essa “violência simbólica” reordena a realidade à luz da ressigni-

ficção ou mesmo da destituição do universo simbólico de grupos sociais minoritários, no entanto, poderosos (OLIVEIRA, 2009, p. 8). Um dos resultados é a desmobilização desses grupos sociais e a consequente renúncia de seus valores. Uma “luta” que pode ocorrer nos conflitos simbólicos da vida cotidiana ou mesmo “na luta travada pelos especialistas da produção simbólica” (BOURDIEU, 1989, p. 10).

3.3 *As vítimas e o fundamento da crítica joanina*

O Apocalipse elabora uma crítica teológica contra o império ou, de forma mais ampla, contra o “poder dominador”. Segundo (KOESTER, 2009) essa crítica é elaborada tendo como plano geral a seguinte indagação: “Quem é realmente o Senhor deste mundo?” É sobre essa pergunta que toda a trama do capítulo 13 também é construída. Também se aplicam a este capítulo as considerações de Koester (2009, p. 9-12) sobre a mensagem:

Primeiramente, desde o início do livro (Ap 4,1-11), o *Deus é apresentado como o poderoso soberano*. Ele é soberano porque é o “Criador” de todas as coisas. Nada é fruto de um acaso, mas o próprio Deus assegura a harmonia de toda criação.

Em segundo lugar, *a maldade, em todas as suas formas de manifestação, reage violentamente diante do fato evidente: já está condenada*. Aqueles que não sabem disso são “tentados” a reconhecerem que não há qualquer alternativa diante das manifestações de poder midiáticas. Mas aqueles que sabem e testemunham que Deus é aquele que é verdadeiramente poderoso são também o testemunho da condenação iminente de qualquer outra forma de “poder” (KOESTER, C.R., 2009, p. 9-12).

E finalmente, *Jesus “o Cordeiro” é o verdadeiro conquistador*. O uso de uma imagem totalmente oposta ao real papel que executa na história exige uma aguçada capacidade de discernimento. As promessas de Deus relativas ao Leão (Gn 49,10; Is 11,1) se realizam no Cordeiro. Em Ap 5,6 João se vira para ver o leão vitorioso e se depara com um o Cordeiro parado, “aparentemente” abatido. Aqueles que não sucumbem diante das imagens da “Fera” e são fiéis ao “Cordeiro” são os verdadeiros “vencedores” (Ap 12,11; 15,2).

Estes são os critérios fundamentais a partir dos quais o Apocalipse orienta os seus leitores a reinterpretarem o seu momento histórico (CASTRILLÓN, 2014, p. 122).

3.4 Deus atua na história a partir dos “desempoderados”

Os leitores do Ap 13, que aplicam suas capacidades de discernimento aos sinais históricos, são capazes de compreender que as “imagens” utilizadas pelas “Feras” para se impor são falácias. Eles reconhecem que o verdadeiro poder está realmente com o “Cordeiro imolado”. Mas não são iludidos por “falsos otimismo traíçoeiros da história” (CASTRILLÓN, 2014).

O Deus da Bíblia está junto com aqueles que sofrem com as guerras e por vezes são vencidos (Ap 13,7). É o Deus que atua a partir daqueles que estão excluídos, que são aparentemente fracos e não têm nenhuma chance contra o poder vigente (CODINA, 2015, p. 123). O “Cordeiro” também é vítima da violência e se identifica historicamente com os violentados (CASTRILLÓN, 2014, p. 122).

Conclusão

O Apocalipse é obra clássica da literatura mundial. Um clássico, mesmo que considerado em seu contexto histórico fundamental, tem o poder de provocar leitores de épocas e conjunturas distintas. Assim, o Apocalipse tem uma mensagem que se pode dizer “universal”.

O livro foi escrito utilizando-se de um gênero literário implicado historicamente com a denúncia profética contra o *status quo* de dominação e opressão. É crítica e denúncia da sociedade a partir do projeto libertador testemunhado em Jesus Cristo. É uma mensagem às pessoas de todos os povos que se questionam constantemente a respeito das diversas formas de violência que afetam desigualmente as sociedades.

Este artigo propôs fazer dois enfoques a partir da leitura do capítulo 13: o poder e o uso das imagens na construção de valores sociais.

Ap 13 trata do tema do poder como uma capacidade delegada para alcançar certos objetivos. A bibliografia consultada permitiu ampliar a percepção e as consequências de diversas formas de manifestações históricas do poder. Através da trama de imagens de “Feras” amedrontadoras sugere-se que personagens históricos são empoderados com o objetivo de fazer silenciar grupos sociais que se oponham à hegemonização de valores sociais contrários ao “Trono” (Reino) de Deus. Entretanto, o “Cordeiro Imolado”, figura fragilizada, que se identifica com todos os “desempoderados”, é o símbolo permanente do verdadeiro poder que governa a história desde a “fundação do mundo”.

As “Feras” apresentadas em Ap 13 empreendem uma violenta campanha com o intuito de reconfigurar a realidade através da manipulação de imagens e

informações. De forma recorrente, a violência simbólica se converte em violência física. O fato de não se conformar com a imagem da “Fera” definia o veredito. Os leitores contemporâneos se encontram facilmente em um contexto de semelhante manipulação da informação e do extermínio de qualquer forma de oposição. Essa é, igualmente, uma hora de “perseverança e fé” (Ap 13,18).

Gilmar Ferreira da Silva
Rua Mansueto Roberto, 70
Bairro Europa
32043-023 Contagem, MG
e-mail: gilmarfate@gmail.com

Referências

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BROWN, C. & COENEN, L. (org.). *Dicionário Internacional de teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BROWN, R.E. *Introdução ao Novo Testamento*. Coleção Bíblia e História. Série Maior. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 1.135.
- CASTRILLÓN, C.J. *Apocalipsis: Fe y Resistencia*. V. 41, n. 95, p. 97-131, 2014.
- CODINA, V. *El Espíritu del Señor actúa desde abajo*. Maliaño: Sal e Terra, 2015.
- KOESTER, C.R. The image of the beast from the land (Rev 13, 11-18): A study in incongruity. In: JOURNÉES BIBLIQUES DE LOUVAIN E ADELA YARBRO COLLINS (org.). *New perspectives on the book of Revelation*. Leuven: Peeters, 2017, p. 333-352. Disponível em: <http://digitalcommons.luthersem.edu/faculty_articles/29?utm_source=digitalcommons.luthersem.edu%2Ffaculty_articles%2F29&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages>
- _____. Revelation’s Visionary Challenge to Ordinary Empire. *Interpretation: A Journal of Bible and Theology*, v. 63, n. 1, p. 5–18, 2009.
- MORAES, D. de. A lógica da mídia no sistema de poder mundial. *Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación* (www.eptic.com.br – Vol. VI, n. 2, Mayo-Ago. 2004).
- NELSON, S.S.; VINE, W.E. & UNGER, M.F. *Vine’s Expository Dictionary of Old and New Testament Words*. Nashville: Nelson, 1981.
- OLIVEIRA, F. Quinto encontro de estudos multidisciplinares em cultura. *A mídia, o campo, a ordem e o discurso: Molduras do poder simbólico*, 2009.
- RAUPP, M. *Uma análise descritiva de três traduções brasileiras da Bíblia a partir de alterações introduzidas nos manuscritos em língua original*. 2010, 91 f. Uni-

versidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94236/276638.pdf?sequence=1>>.

REIMER, I.R.; REIMER, H. Cuidado com as pessoas empobrecidas na tradição bíblica. *Estudos de Religião*, v. 24, n. 40, p. 181-197, 2011. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6265591>>.

RICOEUR, P. *Ensaio sobre interpretação bíblica*. São Paulo: Novo Século, 2004.

ROSO, A. & GUARESCHI, P. Megagrupos midiáticos e poder: construção de subjetividades narcisistas. *Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho*, v. 26, p. 37-54, 2007.

TERRA, K. O Apocalipse de João e a interpretação cosmológica do mundo romano. *Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, v. 9, n. 3, p. 760-784, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/22016>>.

TRACY, D. A teologia na esfera pública: três tipos de discurso público. *Perspectiva Teológica*, v. 44, n. 122, p. 29-51, 2012.

VANNI, U. *Apocalipsis: Una asamblea litúrgica interpreta la história*. 6. ed. Estella: Editorial Verbo Divino, 1998.